MAXWELL DOS SANTOS

As 24 horas de Anna Beatriz

Uma resposta fiel contra a cultura da morte reinante na sociedade hodierna.

AS 24 HORAS DE ANNA BEATRIZ

MAXWELL DOS SANTOS

AS 24 HORAS DE ANNA BEATRIZ

2ª Edição

Vitória (ES)
Edição do autor
2015

O amor de mãe por seu filho é diferente de qualquer outra coisa no mundo. Ele não obedece lei ou piedade, ele ousa todas as coisas e extermina sem remorso tudo o que ficar em seu caminho.
Agatha Christie (1890-1976)

Quando se é mãe, nunca se está sozinha em seus pensamentos. Uma mãe sempre dever pensar por dupla – uma vez por ela e outra por seu filho.
George Washington (1732-1799)

Este livro é dedicado à jovem Layane Gonçalves, que mesmo diante do diagnóstico fatídico de anencefalia, levou a gestação até o final, cuidou e amou de sua filha enquanto Deus permitiu que ela vivesse.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Por **Pe. Adenilson Antonio Schmidt**
Presbítero e Mestre em Teologia Moral

"Não vês que somos viajantes? E tu me perguntas: que é viajar? Eu respondo com uma palavra: é ***avançar.*** *Experimenta isto em ti. Que nunca te satisfaças com aquilo que és, para que sejas um dia aquilo que ainda não és.* ***Avança sempre: não fiques parado no caminho"***

São com essas palavras de Santo Agostinho que, com alegre satisfação, apresento o interessante opúsculo escrito pelo autor, Maxwell dos Santos. O ensaio, mesmo sendo uma ficção literária, auxilia, tanto a mim, um presbítero da Igreja Católica, na vivência de minhas funções ministeriais, como proporciona a todos os leitores uma abertura às novas perspectivas de proteção e valorização da vida em todos os seus estágios, do aprimoramento da fé e do testemunho da vivência cristã.

Um sentimento que tive ao ler o presente ensaio, que trata de uma questão tão importante na luta pela dignidade da pessoa, ou seja, da defesa da vida dos inocentes acometidos pela anencefalia, foi a de que precisamos

entender melhor as nuances que regem, tanto o estado da gestante, como o direito à vida do feto.

Não desconsidero a situação dolorosa da gestante que carrega no ventre um filho anencéfalo, mas o sofrimento, por si, não ofende a dignidade de ninguém, ao contrário, a realização do aborto, isso sim, ofende tanto a dignidade da mãe, como da pessoa inocente que ela carrega no seu ventre.

A ética da vida e da justiça não permitem exceções. Tantos os fetos anencéfalos, como os demais seres adultos, jovens ou idosos inocentes e frágeis, jamais poderão ser violentados, descartados ou terem os seus direitos fundamentais, em especial, o de viver, desrespeitados.

Diante de tais desafios, não me refuto a dizer que se torna ainda mais difícil refletir-se seriamente sobre as diversas temáticas éticas e bioéticas da vida sem a coragem e a inspiração profética da poesia.

A poesia é eco do projeto de Jesus. Ela nos ajuda a *avançar.* O escritor deve ser alguém que quer aprofundar sempre mais a sua experiência de Deus e se dispõe com alegria a partilhar esta experiência com os outros.

Agradeço a Deus a iniciativa corajosa de Maxwell que enfrentou com zelo e criatividade os desafios da família, da vida e da dignidade

humana, usando da ficção como linguagem profética para transmitir uma mensagem que alimenta a esperança, reanima a fé e estimula a luta pela defesa da vida, especialmente dos inocentes com anencefalia. Sua palavra estimula a construção de uma sociedade mais justa, fraterna e solidaria.

Que o Espírito Santo, Sopro da Vida, inspire nossa luta e faça-nos ouvintes anunciadores da Palavra de Deus e fiéis discípulos missionários de Jesus Cristo, Senhor da Vida.

RECADO DO AUTOR

Com satisfação, ponho à praça o livro *As vinte e quatro horas de Anna Beatriz.*

Nesta obra, conto a história da meiga e sensível adolescente Anna Júlia, de 16 anos, morena dos cabelos cacheados, olhos verdes e cheia de curvas. Apesar de não gostar muito de novelas e não ter tempo para assisti-las, me inspirei na Tessália, personagem da atriz Débora Nascimento na novela *Avenida Brasil,* de João Emanuel Carneiro, para construir o perfil físico de Anna Júlia, essa menina bem brasileira e ao mesmo tempo, tem a ingenuidade e chama a atenção dos homens.

Tantos atributos físicos, aliados à sua doçura no trato com as pessoas, chamam a atenção de Marco Antônio, rapaz com feições de príncipe encantado. Eles se conhecem no churrasco de aniversário de Anna Júlia e se beijam. Em pouco tempo, a adolescente se entrega de corpo e alma ao seu amado.

Como consequência, Anna Júlia fica grávida e nos primeiros meses, tenta esconder a gravidez, temendo a reação do namorado e dos pais, mas a mãe acaba descobrindo. Meses depois, ela descobre que o bebê que se chamará Anna Beatriz tem anencefalia.

O objetivo desta obra é mostrar a grandeza do amor materno, mesmo quando a criança é deficiente, a despeito de uns e outros dizerem que o amor materno não passa de um mito, uma mera construção social. Além disso, pretendo demonstrar como uma situação adversa pode amadurecer as pessoas e como o sofrimento pode torná-las mais humanas.

Infelizmente, vivemos numa sociedade egoísta e utilitarista, que tende a valorizar os ditos capazes e descarta aqueles que não correspondem às suas expectativas. É a coisificação do bebê anencefálico, cuja vida é ceifada, na pretensão de eliminar o sofrimento materno de carregar por nove meses um ser que não vingará.

O Dr. Ivan Sinigaglia Nunes Pereira, no artigo Gestação e Anencefalia[1], aponta essa visão tacanha:

Muitas pessoas, favoráveis à "interrupção terapêutica da gestação" (termo eufemista criado por algumas pessoas para se justificar a interrupção de gestações consideradas por estes como inúteis ou de grande risco), reconhecem que certas gestações possam ser de muito mais risco do que as de mães com crianças anencéfalas, mas acham que investir tempo,

---

[1]Disponível no site **http://goo.gl/f1ETIy** Acesso em 18 de julho de 2012.

profissionais e atenção nesses casos seria "perda de tempo e dinheiro" porque não consideram esse feto como vida.

Compartilha a mesma opinião, a mãe Ana Lúcia dos Santos Alonso Guimarães, em sua carta[2] a seu filho Vitor, uma criança anencéfala:

Sabe que outro dia mamãe leu em um jornal que se autorizava um aborto liminarmente, sendo que o feto tinha um problema igual ao seu, anencefalia e que o que fundamentava essa decisão era que não se podia impor à gestante o insuportável fardo de ao longo de meses prosseguir na gravidez já fadada ao insucesso.

Você não acredita? Mas é verdade, estava escrito, chamavam um filho como se fosse fardo insuportável, parecem não saber que filho nunca é fardo, muito menos insuportável. Parecem não ter a menor ideia do quanto vocês são amados apesar dessa deficiência, ou melhor dizendo, má-formação. E o quanto são importantes para nós, mães de verdade, cuja natureza intrínseca da mulher nos faz.

Até no reino animal, que não tem o uso da razão, as fêmeas protegem os seus filhotes. Será que podemos ainda chamar a nossa

---

[2]Disponível no site **http://goo.gl/1t42mF** Acesso em 18 de julho de 2012.

natureza de humana, depois do que andamos pensando, concedendo ou defendendo? Talvez você não saiba Vítor, mas hoje em dia as pessoas querem tirar, eliminar, "matar" de suas vidas tudo o que lhes traga incômodo ou sofrimento. É a sociedade do prazer, do belo, do confortável, do extremo egoísmo. Eliminam-se pessoas como se fossem coisa.

Alguns até defendem que esse aborto deve ser autorizado porque a má-formação da qual o feto é portador é incompatível com a vida pós-natal. Todos nós sabemos que em qualquer gravidez, existe uma margem de possibilidade de que a criança nasça com alguma deformidade, às vezes congênita, às vezes em consequência do próprio parto, e se for por causa desse risco que há em qualquer gravidez, seja na do rico, seja na do pobre, dessem aos pais o direito de suprimir essa vida, estaríamos perante o direito incondicional ao aborto, pois o aborto é a morte de um ser humano vivo e inocente, assim ou se está a favor da vida ou não se está.

A respeito disso, trago algumas passagens do artigo *Anencefalia x Liberdade*, de Paulo Tominaga[3], um pai de uma criança anencéfala, publicado no Correio Brasiliense:

---

[3] Disponível no site http://goo.gl/Vjxa4e Acesso em 18 de julho de 2012.

É interessante notar como apenas de modo passageiro se faz referência a estas pequenas pessoas, ficando a tônica da discussão sobre um tal “direito à liberdade de escolha” dos adultos envolvidos no caso. Como se a gravidez correspondesse apenas a uma vida – a da mãe –, podendo prescindir da existência do filho.

Este enfoque parece ilustrar como o egoísmo impera em nossa sociedade. Sempre tinha ouvido falar no amor da mãe por seus filhos como o mais excelso tipo de amor possível. E desde os antigos gregos, este costumava ser indicado, para todos, como um ideal a ser alcançado, na relação com os demais.

Hoje o que parece preponderar como meta é outra espécie de “amor”, verdadeiro culto religioso, por uma triste caricatura de “liberdade”, entendida como absoluta falta de compromissos. Não mais se aceita, nem mesmo, o compromisso de se preservar a vida de um filho, se este não puder corresponder às expectativas de seus pais ou – o que é pior – da maioria da sociedade. Neste quadro, fica claro que, para alguns, só se tem filhos para uma satisfação da autoestima, como parte de um projeto pessoal ou para que possam, de certa forma, “divertirem-se” com as crianças, utilizando-os, como se fossem um objeto qualquer. Se não há a perspectiva de que uma

criança venha a proporcionar alegrias aos pais, então é melhor descartá-la o quanto antes - no ventre da mulher, de preferência, pois assim termina logo esta existência "insuportável e sem sentido"! Uma pessoa não pode ser eliminada simplesmente porque não é como nós gostaríamos que fosse. Criam-se teorias e mais teorias para tentar encobrir o óbvio: está se matando uma pessoa, em nome de se "eliminar os terríveis sofrimentos, verdadeira tortura", que sua existência causa a sua mãe, a seu pai. Além do mais, dizem, esta criança está condenada à morte, de qualquer forma. Assim, apenas se está antecipando aquilo que naturalmente iria ocorrer em pouco tempo.

Ampliando a discussão sobre os filhos enquanto reflexo de nossos sonhos, cito um trecho do artigo *O direito à vida*[4], da Dra. Lúcia Pedroso Barbosa, publicado no Globo em março de 2004:

Como última ponderação gostaria de citar um valor que ensino repetidamente aos meus filhos: "A vida não é como nós queremos, entretanto é maravilhoso vivê-la". Para que possamos ser felizes é urgente aceitar e amar a vida como ela se nos oferece. Os filhos não são o reflexo dos nossos sonhos, são seres indepen-

[4]Disponível no site http://goo.gl/3Y2yJM Acesso em 18 de julho de 2012.

dentes de nós e eles têm sim o direito à vida, não nos cabe julgar se ela é ou não como nós sonhamos. Acho que é preciso parar de sonhar e começar a viver.

A defesa da vida e, por conseguinte, meu repúdio à descriminalização do aborto de anencefálicos que foi promovida pelo STF, no julgamento da ADPF 54, por 8 votos a 2, em abril de 2012, não é uma questão religiosa. Trata-se de uma questão humanitária, pautada no direito natural à vida.

É importante frisar que católicos, evangélicos e espíritas defendem a vida, alicerçados no preceito científico de que a vida humana começa na concepção e para os tais, a prática do aborto é assassinar um ser humano no ventre. Há de considerar que alguns ateus e agnósticos, baseados na ciência, são contra o aborto, assim como existem religiosos que são a favor de sua descriminalização. O direito à vida é o mais caro de todos os direitos humanos.

MS

Capítulo 1 | Paixão arrebatadora

Marco Antônio, menino branco, 14 anos, loiro, 1,74 m e olhos azuis, descansava do almoço no sofá da sala. Nessa hora, seu Blackberry tocou. Era uma mensagem de sua prima, Marina, 16 anos, menina branca, loira, cabelos cacheados e loiros, e gordinha, que dizia:

Marco Antônio, me liga. Preciso falar com você urgente. Um beijo.

Marco Antônio pegou o celular e ligou para Marina:

- Marina, sou eu, o Marco Antônio. Eu vi o seu torpedo. O que você tem de tão urgente pra me falar?

- Pois é, cara. Hoje vai rolar um churrasco na casa de Anna Júlia e como não quero ir sozinha, queria saber se você tá a fim de ir.

- Claro que eu vou. Não tem nada pra eu fazer. Vou ficar em casa assistindo TV, igual

a um mané?

- É mesmo. A programação das emissoras abertas só vai de mal a pior. É a guerra do velho canastrão contra o louro narigudo e correndo por fora, tem o cara que dança e imita artistas. Já que você disse que vai, daqui a meia hora, vou chegar de carro com a mamãe pra te buscar.

- A propósito, quem é essa Anna Júlia?

- É a minha melhor amiga. Ela é um amor de pessoa. Você vai gostar.

- Será que ela é gatinha?

- Ah, Marco Antônio, você é uma figura. Vou ter que desligar. Um beijo.

- Outro. Até mais tarde.

Marco Antônio entrou no banheiro, tomou um banho, enrolou-se no robe, foi para o quarto, tirou o robe, vestiu uma camisa e bermuda da Billabong, calçou o tênis da Ecko, colocou o cordão de prata, o relógio Casio, os óculos da HB e perfumou-se com Kayak, da Natura.

No lado de fora, estava o New Beetle de Morgana, a mãe de Marina e tia de Marco Antônio, buzinando impacientemente. Ele saiu de casa e entrou no automóvel. O carro saiu da Rua General Guaraná, em Jucutuquara, passando pela Avenida Vitória, Reta da Penha, até chegar à Avenida Rio Branco, onde ficava o

prédio de Anna Júlia, em Santa Lúcia, perto do Shopping Rio Branco.

- Vamos ficar por aqui – disse Marco Antônio à Morgana.

- Que horas posso busco vocês? – perguntou Morgana.

- Às dez horas – respondeu Marina.

- Então tá bom. Juízo, crianças – falou Morgana.

- Ah, ninguém merece – disse Marina, demonstrando tédio.

- Tá bom, tia. A gente sabe se cuidar – respondeu Marco Antônio, num tom de irritação.

Marco Antônio e Marina saíram do carro e atravessaram a avenida em direção ao prédio de Anna Júlia. Identificaram-se ao porteiro e foram de elevador ao salão de festas.

O som estava em altíssimo volume, tocava a canção *On the floor*, de Jennifer Lopez. A carne assava na churrasqueira. Era o aniversário de 16 anos de Anna Júlia, morena de 1,70, cabelos cacheados e castanhos, olhos verdes, cheia de curvas.

Marina indignou-se com a música tocada na festa e disse:

- Vai ter mau gosto assim lá longe! Esse bate-estaca tá me matando! Acho que vou surtaaaar!

Marco Antônio foi à churrasqueira, pegou uns pedaços de linguiça e pão de alho, passou pela mesa, serviu-se de arroz, feijão-tropeiro e vinagrete. Enquanto isso, Marina tirou seu iPod Shuffle da bolsa e o plugou na mesa de som. Saiu o hit parade*,* entrou a música alternativa, começando pelo rapper Emicida, passando pela trupe do Teatro Mágico e terminando com Marcelo Jeneci.

Por algum tempo, Anna Júlia ficou ocupada, recebendo os convidados. Marina, impaciente por natureza, esperou o momento oportuno de conversar com a amiga e apresentar o primo.

Beatriz, a mãe de Anna Júlia, cantora e compositora, com três CDs gravados e o quarto a caminho, com as mesmas características da filha, cantou no aniversário da filha a canção *Morena Tropicana*, de Alceu Valença.

Mauro, o pai de Anna Júlia, não pôde estar na festa, em virtude do seu trabalho como prático, mandou sua mensagem via Skype, direto de Manaus, aparecendo no telão:

- Oi, filha. Por causa do meu trabalho, não pude tá aí pra te ver e te abraçar. Do fundo do meu coração, desejo que Deus te abençoe e te dê muitos anos de vida e que você continue sendo essa filha doce e carinhosa.

Anna Júlia chorou de emoção. Beatriz

pegou o microfone e disse:

- Gente, acho que já tá na hora da gente cantar os parabéns pra Anna Júlia, né?

Os convidados cantavam *Parabéns pra você* e após isso, Anna Júlia assoprou as velinhas, sem antes fazer um pedido.

- O meu desejo é continuar sendo cercada de amigos tão queridos, que são a razão da minha alegria e da minha vida – disse Anna Júlia, com os olhos cheios de lágrimas.

O bolo começou a ser servido. Marina falou com Anna Júlia, que enxugava as lágrimas com um pano.

- Oi, Anna Júlia. Naquela hora, quis falar com você, mas vi que tava ocupada com os convidados. Foi linda a homenagem que o seu pai fez pelo Skype – disse Marina, dando um beijo no rosto de Anna Júlia.

- Quem é esse menino que tá com você? – perguntou Anna Júlia, encantada com a beleza de Marco Antônio.

- É o meu primo Marco Antônio – respondeu Marina, apresentando-o à amiga.

"Meu Deus, ela é uma mistura de anjo e sereia" – pensou Marco Antônio, estonteado com a formosura de Anna Júlia.

"Ele é um príncipe dos contos de fada" – pensou também Anna Júlia, sobre Marco Antônio.

- Oi, Anna Júlia – disse Marco Antônio, abraçando e beijando Anna Júlia no rosto.

- Oi, querido. Muito obrigada por ter vindo à minha festa – respondeu Anna Júlia, sorrindo e afagando as mãos de Marco Antônio.

- A Marina tinha falado de você, mas não disse que você era tão linda – afirmou Marco Antônio.

- Obrigada, disse Anna Júlia, dando um sorrisinho e vermelha de vergonha.

- O som tá muito alto. Que tal a gente ir pra outro lugar e conversar? – perguntou Marco Antônio.

- Claro – respondeu Anna Júlia, demonstrando alegria.

- Acho que vou deixar vocês à vontade – disse Marina.

O som continuava alto, agora tocando *Pra você*, de Paula Fernandes e na sequência, *Um beijo*, de Luan Santana. Anna Júlia e Marco Antônio foram para o canto e conversaram:

- Anna Júlia.

- Oi.

- Posso te falar uma coisa?

- Fala.

- Desde a primeira vez que eu te vi, me encantei por você, pelo seu olhar.

- Eu também. Parece que há algo que

gera atração entre a gente, não sei como explicar…

- Eu também não. Mas de uma coisa eu tenho certeza…

Nesse momento, Marco Antônio segurou Anna Júlia pela cintura e deu-lhe um beijo na boca. O público ovacionou. Os meninos fizeram gracejos:

- Esse Marco Antônio não perde tempo. Pegou um peixão e tanto! – disse Luiz Guilherme.

- Ah, moleque! Faturou a aniversariante – falou Alfredo.

- O carinha não dorme no ponto. Jogou as ideias na mina, ela deu condição e pimba! – afirmou Marcelo.

- O cara é tenso! Pegou a mina que eu tava investindo faz uma cara – indignou-se Flávio.

O casal adolescente nascente beijava-se e não ligava para as piadinhas dos meninos que sempre sonhavam em ter Anna Júlia em seus braços. Mas eram imaturos e tinham QI de ameba.

Anna Júlia não atraía os meninos pela sua beleza física, mas também pelo seu jeito meigo de tratar as pessoas e ajudá-las. Amava as pessoas mais do que a si mesmo.

No fim da festa, Marco Antônio disse à

Marina:

- Marina, você salvou meu sábado. Muito obrigado. Conheci um anjo.

- De nada, Marco Antônio. Que você seja feliz com ela.

- Ela é a minha felicidade.

Capítulo 2 | De corpo e alma

Anna Júlia acordou, levantou-se da cama, abriu a janela e disse:

- Que dia lindo!

Depois, pegou o telefone sem fio e ligou para a casa de Marco Antônio:

- Alô, posso falar com o Marco Antônio?

- Quem gostaria?

- É Anna Júlia, uma amiga.

- Ele tá viajando numa excursão da escola pras cidades históricas de Minas. Quem tá falando é Miguel, o pai dele. Quer deixar recado?

- Não, obrigada. Quando é que ele volta?

- Ele viajou hoje cedo. Só volta domingo à noite.

- Ah, tá. Obrigada. Tchau.

Anna Júlia encerrou a ligação, sentou-se à mesa, ligou seu Macbook Pro, abriu o Google Chrome, entrou no Facebook e admirou as fotos dela com Marco Antônio no churrasco de aniversário em seu perfil.

- Ele é muito lindo e muito fofo. Não me contenho de tanta saudade. Mas fazer o quê? Eu vou esperar até o domingo pra falar com ele – disse Anna Júlia, apaixonada.

No ônibus, Marco Antônio via as fotos

dele com Anna Júlia no seu laptop. Ele estava cada vez mais apaixonado pela morena. O sentimento recíproco crescia a cada dia, assim como a saudade que um sentia do outro.

O interfone tocou. Anna Júlia levantou-se da cadeira e foi à cozinha. Era o porteiro informando que Marina estava na portaria e queria subir. Anna Júlia autorizou a subida.

Marina tocou a campainha e Anna Júlia atendeu:

- Oi, Marina. Tudo bom?

- Tudo ótimo. Vi que você tá bastante sorridente.

- Também pudera. Marina. Tô perdidinha de amor pelo Marco Antônio. Ele é tudo de bom.

- E eu achando que só foi um lance na festa. Aquele beijo deu o maior bafafá entre a galera.

- Seu primo é muito lindo e beija bem pra caramba.

- Já vi que você tá caidinha mesmo pelo Marco Antônio.

- O amor é lindo e deixa a gente boba. Aliás, você sabe o número dele?

- Ah, sim. É 9605-7000.

- Vou ligar pra ele.

Anna Júlia pegou o seu iPhone e ligou para o número de Marco Antônio, mas só dava

“fora da área de cobertura ou desligado pelo cliente”. Marina, que estava do lado de fora, entrou e as amigas voltaram a conversar:

- É, Marina. Hoje de manhã liguei pra casa dele, mas o pai dele disse que ele tava viajando pra Minas. Acho que ele tá passando por algum lugar onde celular não pega. Ele chega domingo à noite. Eu vou ter que esperar.

- Só você consegue ter essa paciência de Jó. Se fosse eu, já teria ido à Minas atrás dele.

- O amor faz a gente esperar, Marina.

- É... Parece que o cupido te acertou em cheio.

- Na verdade, ele é o anjo em pessoa.

Perto das 23 horas, Marco Antônio ligou para Anna Júlia:

- Alô, quem fala?

- Quem fala é o Marco Antônio. E você?

- Sou a Anna Júlia, meu lindo.

- Oi, Anna Júlia. Sabia que eu não paro de pensar em você um só minuto?

- Eu também, meu amor. Hoje eu liguei pra sua casa, mas seu pai me disse que você tá viajando.

– É verdade, Anna Júlia. Tô numa excursão da escola e só volto no domingo à noite, lá pra umas seis e meia. Se você puder passar lá em casa...

- Pois é, Marco Antônio. Nessa hora, eu

tô na missa lá na Paróquia Santa Rita. Não tem como ir à sua casa. É mais fácil você vir à minha casa. Se mamãe não fizer show no domingo, eu a apresento pra você.

- Vou aí no domingo, lá pra umas nove horas da noite, depois do culto na Igreja Presbiteriana.

- Que bom, Marco Antônio. Já tô com saudades de você. Quero muito te ver.

- Ah, Anna Júlia. Você não tem noção do quanto te amo e te desejo. Você me encanta, minha linda.

- Meu Deus! Eu não tenho palavras pra descrever o quanto eu te amo, Marco Antônio.

-É mesmo, meu anjo? Eu também te amo. Agora tenho que desligar, tá? Um beijo,

- Outro, meu lindo.

Feliz da vida, Anna Júlia deitou-se em sua cama. Ela tinha que acordar cedo para a aula no Centro Educacional TU, onde fazia o 2º ano do Ensino Médio. Marco Antônio estudava na mesma escola, só que no 1º ano.

O dia raiou e Anna Júlia despertou radiante. Entrou no chuveiro, tomou banho, enrolou-se na toalha, vestiu o uniforme, penteou o cabelo, perfumou-se, pôs os brincos e pulseiras prediletos e por último, a sandália rasteirinha.

Ela pegou o elevador, desceu à portaria, onde saiu para a Avenida Rio Branco para

esperar a van que a levava à escola, em Jardim da Penha. Em todas as aulas, Anna Júlia estava com o pensamento cativo em Marco Antônio.

Anna Júlia era a prova viva de que beleza e inteligência podiam andar juntas. Ela tirava as maiores notas entre todos os alunos do 2º ano, além de ser a representante de turma e dava monitoria de Química e Biologia.

O mesmo não podia se dizer de Marco Antônio, que não estudava e estava sempre de recuperação. Ele quase reprovou no 9º ano do Ensino Fundamental. Ele frequentava a Igreja Presbiteriana, mas não tinha o menor compromisso com as coisas do Reino de Deus. Ia à igreja por imposição dos pais. Era um adolescente rebelde e impulsivo, que gostava de tocar bateria e fazer charges.

Após uma estafante viagem, às 18h30min de domingo, Marco Antônio desembarcou do ônibus leito turismo de dois andares, parado em frente ao TU. De lá, ele foi para casa, trocou de roupa e foi com os pais assistir o culto dominical.

Anna Júlia estava na missa das 18 horas da Paróquia Santa Rita.

A canção *Fico assim sem você,* da dupla Claudinho e Buchecha traduz a angústia do jovem casal: *Eu não existo longe de você/E a solidão é o meu pior castigo/Eu conto as horas*

pra poder te ver/Mas o relógio tá de mal comigo. Assim estavam Anna Júlia e Marco Antônio, contando as horas para se verem, mas sentiam que o tempo conspirava contra eles. A ansiedade do casal era tão grande quanto a dos torcedores da Seleção Brasileira, no último pênalti de um jogo da final da copa do mundo.

Após participar da missa, Anna Júlia chegou ao apartamento, ansiosa pela chegada de Marco Antônio. Beatriz estava na sala, aquecendo a voz para cantar numa festa de um magnata da Ilha do Frade. Quando se apresentava em eventos fechados, seu repertório era MPB e pop-rock nacional. Era uma cantora bastante requisitada em festas.

Findo o aquecimento, Beatriz disse à Anna Júlia, que estava em seu quarto:

- Filha, eu já vou. Se quiser comer, basta pegar a comida que tá na geladeira e esquentar no micro-ondas.

- Tá bom, mãe. Um beijo.

Pontualmente, às 21 horas, Marco Antônio chegou ao apartamento de Anna Júlia.

- Finalmente vou ver minha morena dos olhos verdes – disse, apertando a campainha.

- Anna Júlia levantou-se e foi abrir a porta.

“Deve ser o Marco Antônio”, pensou.

Quando abriu a porta Anna Júlia, des-

maiou de emoção ao ver seu príncipe encantado, Marco Antônio a segurou em seus braços. Ele disse:

- Parece que você não conseguiu segurar a emoção.

- Ainda não acordei desse sonho.

- Esperei por tanto tempo por este momento de ter você em meus braços, de te abraçar, de te beijar e agora vejo que tudo isso tá se realizando na minha vida.

- Não vai entrar, não?

- Vou entrar, sim.

Marco Antônio entrou no apartamento de Anna Júlia e sentou-se no sofá. Ela foi à cozinha, abriu a geladeira e cortou dois pedaços de torta salgada e colocou num pires, pegou a garrafa de Coca Cola e os colocou sobre a mesa. Abriu a garrafa, pegou duas canecas e despejou o refrigerante nelas. Então disse:

- Marco Antônio, vem lanchar.

- Tô indo.

Marco Antônio se levantou do sofá e foi para a cozinha e sentou-se à mesa com Anna Júlia e comeu a torta. Os dois conversam:

- Anna Júlia, que torta deliciosa! Quem fez?

- Fui eu. Que bom que você gostou.

- Vejo que até na torta você coloca o seu amor.

- Quando a gente põe amor no que faz, é outro sabor.

- Por isso que te amo tanto. Você me faz muito feliz.

- Te amo muito. Você é o garoto mais fofo do universo.

Os adolescentes se beijaram e trocaram carícias na sala. Deitada no sofá, Anna Júlia entregou-se a Marco Antônio de corpo e alma. Foi a primeira vez deles.

À meia-noite, Marco Antônio saiu do apartamento de Anna Júlia e pegou um táxi para Jucutuquara, onde morava. No táxi, ele ligou para Luiz Guilherme:

- Alô, Luiz Guilherme. É o Marco Antônio.

- Fala, velho.

- Tive uma noite de amor com a Anna Júlia. Foi a nossa primeira vez.

- O quê? Você ficou com ela? Você é o cara!

- Rapaz, eu tô apaixonado por ela. Na moral, ela é linda demais pra só um lance.

- Taí o último romântico. Boa sorte com ela.

- É o que mais desejo. Vou desligar. Falou.

- Falou, brother. Até mais.

Anna Júlia, levantou-se do sofá e foi para

o banheiro. Na pia, o seu iPhone tocava. Era Marina.

- Oi, Marina. Você não sabe o que aconteceu?

- O quê, Anna Júlia?

- Eu e o Marco Antônio ficamos juntos. Ele é tão fofo e carinhoso. Me entreguei a ele.

- Colega, que bafão. Ui!

- Foi algo lindo que não vou esquecer.

- A primeira vez, a gente nunca esquece. Ele usou camisinha?

- Usou, sim.

- Ah, bem. Camisinha sempre, gata! É pra evitar gravidez indesejada e doenças venéreas.

- É mesmo, Marina.

- Hoje eu armei o maior barraco por causa de uma covardia que fizeram com a Karine.

- A Karine, a travesti?

- Ela mesma. Uns musculosos playboyzinhos deram uma surra nela lá na Rua da Lama.

- Que horror! Por que fizeram essa maldade?

- Porque um deles cismou que ela estivesse olhando pra ele. Então, o rato de academia juntou seus asseclas e foram tirar satisfações com a Karine e a espancaram.

- Nossa, é muita maldade. E você nessa história?

- Pois é, tava eu com uns amigos tomando uma tigela de açaí caprichadaça, quando presenciei a agressão. Entrei no meio da briga pra impedir que eles cometessem uma atrocidade maior. Soltei os cachorros pra cima deles, dei bolsada e chute na canela, e com medo, fugiram em um carro. Anotei a placa e tô aqui na delegacia com ela e mamãe prestando depoimento sobre a agressão.

- Isso sim que é um bafão daqueles. Agora, vou dormir. Um beijo.

- Um beijo, amiga.

CAPÍTULO 3 | GRÁVIDA, EU?

Toda vez que Anna Júlia sentia cheiro de fritura ou algum perfume mais forte, ela enjoava e vomitava. Seus seios aumentaram de tamanho e sentia formigamento neles, tinha manchas no rosto e sua menstruação estava atrasada.

No quarto, Anna Júlia abriu a gaveta da cômoda, pegou o guia de seu plano de saúde, com a relação dos médicos conveniados e foi para a parte de ginecologia e obstetrícia na cidade de Vitória. Apareceu no nome da Dra. Úrsula Cristina Luchi Carvalho. Então, Anna Júlia ligou para o consultório:

– Olá, boa tarde. Com quem eu falo?

– Quem fala é a Mariane, da Clínica Femina. Em que posso servi-la?

– Eu quero marcar uma consulta com a Dra. Úrsula.

– Pra qual dia?

– É possível pra amanhã?

– Bem, ela tem horário disponível só às 19 horas. Manhã e tarde estão lotados.

– Pra mim tá bom. Pode marcar.

– Está marcado.

– Obrigada, viu? Tchau.

– Disponha.

No dia seguinte, Anna Júlia estava na Clínica Femina, sentada na recepção, esperando ser atendida. Enquanto isso, ela lia o livro *Um amor para recordar*, de Nicholas Sparks, romance água com açúcar que virou filme.

As demais pacientes liam as revistas *Nova, Claudia, Marie Claire, Caras e Contigo.* Anna Júlia estava entretida na leitura do livro, na parte onde o Landon conhece a Jamie no ônibus da escola, não ouviu Mariane chamá-la. Ela disse:

– Anna Júlia, a Dra. Úrsula tá te aguardando.

– Desculpe, é que eu tava distraída com a leitura do livro.

Anna Júlia, acompanhada de Mariane, foi até o consultório da Dra. Úrsula e nele entrou. Tinha 46 anos, branca, 1,55, cabelos loiros, olhos castanhos, magra. Era fria e ateia. No momento, estava tendo um relacionamento com Reginaldo, o segurança da clínica onde era sócia e vinte anos mais novo que ela. Ela estava sentada lhe aguardando.

– Boa noite. Você que é Anna Júlia? – perguntou Dra. Úrsula.

– Sou eu, sim – respondeu Anna Júlia.

– O que te traz aqui? – perguntou Dra. Úrsula.

– Doutora, a minha menstruação tá atrasada, fico enjoada ao sentir cheiro de fritura ou um perfume mais forte e os meus seios aumentaram de tamanho – disse Anna Júlia.

– Veja bem, com minha experiência de vinte anos em ginecologia e obstetrícia, há fortes indícios de uma gestação. Deite-se na maca, que eu vou fazer um ultrassom pra constatar – respondeu Dra. Úrsula.

Seguindo a orientação da ginecologista, Anna Júlia deitou-se na maca. Dra. Úrsula fez a ultrassonografia na adolescente e disse:

– Anna Júlia. Meu diagnóstico está correto. Você está grávida de cinco semanas.

Nessa hora, a menina se desesperou e começou a chorar, pois tinha medo da reação dos pais e do Marco Antônio. Ela falou com a doutora:

– Mas, doutora, como é que eu posso tá grávida, já que meu namorado usou camisinha?

– Por ventura essa foi a sua primeira vez?

– Sim, doutora. Foi a nossa primeira vez, que foi linda.

– Pois é. Provavelmente, o seu namorado não usou o preservativo de forma adequadamente e ele estourou durante o ato sexual. Você vai começar o pré-natal.

– Meu Deus! E agora?

– Agora, você vai ter que encarar a

realidade. Você vai ser mãe. Parabéns.

Anna Júlia teve outra crise de choro. Úrsula ligou para Mariane:

– Mariane, por favor, faça uma água com açúcar para a paciente Anna Júlia.

- Sim, Dra. Úrsula.

Mariane foi à copa, preparou um copo de água com açúcar e deu o copo à Anna Júlia.

Capítulo 4 | Contando aos pais

Entre o segundo ao quarto mês de gravidez, Anna Júlia tentou esconder a gravidez de todos, até mesmo de Marco Antônio, da mãe e de Marina, usando roupas fechadas. Mas os sinais exteriores denunciavam uma gestação e ainda por cima, seu apetite aumentou consideravelmente.

Logo, surgiram os comentários entre os alunos do TU sobre a gravidez. Mas, quando Anna Júlia era indagada, dava uma risadinha e mudava de assunto.

Beatriz também estranhou a mudança de comportamento de Anna Júlia. Os comentários que surgiam no prédio onde moravam já estavam lhe deixando preocupada. Quando chegou do estúdio, onde estava gravando o quarto disco, foi ao quarto de Anna Júlia, que estava deitada em sua cama e disse:

- Anna Júlia, minha filha, por esses dias, você tá comendo muito, tem usado roupas fechadas, sem contar que sua barriga tá crescendo e os vizinhos do prédio tão comentando. O que tá acontecendo?

A jovem mãe ficou em prantos. Ela sentiu que seu segredo foi descoberto.

- Tô grávida, mãe.

- Grávida de quem?

- Do Marco Antônio, meu namorado. A gente ficou, ele usou camisinha, mas ela estourou.

- Meu Deus! Vocês deviam ter se cuidado melhor. O pior de tudo é que os adolescentes têm acesso à informação sobre os métodos contraceptivos, mas não sabem utilizá-los. Por ventura, foi a primeira vez de vocês?

- Foi sim, mãe.

- Taí a explicação. Seu namorado, inexperiente em relações sexuais, não soube usar a camisinha direito e por isso, ela estourou. Agora que a merda tá feita, temos que encarar a realidade: você vai se tornar mãe. No que depender de mim, vou dar todo o apoio para criar este bebê. Por ventura, o Marco Antônio já sabe que você tá grávida?

- Não. Eu ainda não contei com medo da reação dele.

- Pois conte o quanto antes.

- Sim, mãe.

- O problema agora é como seu pai vai reagir a isso.

- É mesmo. O homem é imprevisível.

Anna Júlia ligou para Marco Antônio, mas o seu celular estava na caixa postal. Deixou este recado:

- Marco Antônio, meu lindo. Preciso que

venha aqui no apartamento urgente. Temos que conversar. Um beijo.

O adolescente voltava da aula de inglês no Just in Time, em Bento Ferreira e chegava em casa, tomou um susto. Sem perda de tempo, andou em direção à Avenida Vitória, pegou o ônibus 151(Santa Marta – Rodoviária) e saltou na Avenida Rio Branco, em frente ao apartamento de Anna Júlia.

Marco Antônio entrou no apartamento e encontrou Anna Júlia de vestido, sentada no sofá, com um olhar angustiante.

- Anna Júlia, eu recebi seu recado na caixa postal. O que aconteceu?

- Marco Antônio, eu te chamei aqui para contar algo muito sério.

- O quê?

- Sabe aquela noite maravilhosa que a gente teve aqui no sofá? Pois é, eu tô esperando um filho seu.

- Isso não pode ser verdade. Eu usei camisinha.

- É, meu bem. A minha ginecologista disse que a camisinha pode ter estourado durante a relação.

- E agora, o que eu vou fazer? Como vou contar isso pros meus pais? Eles vão ficar desapontados comigo, porque me deitei com você fora do casamento e isso gerou

consequências. Pequei contra o Senhor, cometendo o pecado da fornicação. Não te falei que meus pais são evangélicos?

- Não, de que igreja?

- Da Igreja Presbiteriana. Eu também frequento, mas não tenho vivido uma vida como Deus quer.

Marco Antônio caiu no choro. Anna Júlia abraçou e afagou o namorado. E depois ligou para Marina:

- Oi, Marina, é a Anna Júlia.

- Fala amiga.

- Eu tô grávida.

- Tá ficando doida, menina? Seus pais e o Marco Antônio sabem disso?

- Mamãe já sabe. Disse que a gente devia ter se cuidado melhor, mas que daria todo o apoio. Marco Antônio tá aqui chorando, tadinho. Não sabe como vai contar pros pais dele, que são evangélicos da Igreja Presbiteriana, cuja doutrina prega o sexo depois do casamento e nosso amor gerou consequências.

- Mas ele não tinha usado camisinha.

- Pois é, amiga. A ginecologista disse que por ser a primeira vez da gente, o Marco Antônio não soube usar o preservativo, ele estourou e eu fiquei grávida.

- Que coisa, hein amiga! Se precisar de

uma madrinha pro seu baby, pode contar comigo.

- Obrigada, querida.

- De nada, Anna Júlia. Um beijo.

- Outro, minha linda.

Cabisbaixo, Marco Antônio chegou em casa. Seus pais estavam no quarto, deitados na cama.

Sua mãe, Darlene, 40 anos, branca, 1,75 m, cabelos loiros, olhos azuis, corpo malhado. Foi modelo de passarela na adolescência e parte da juventude, trabalhando em Nova York, Paris e Milão. Trabalhava como advogada. Era uma mãe protetora e devotada ao filho.

Seu pai, Miguel, 42 anos, é um homem calmo e bem-humorado, porém rígido na observância dos valores morais e dos bons costumes. Era casado com Darlene e é pai de Marco Antônio. Gostava de fotografia e pesca submarina. Trabalhava como contador. Era branco, calvo, um pouco acima do peso, mede 1,70. Ambos congregavam na Igreja Presbiteriana, em Consolação.

Então, Marco Antônio entrou no quarto e disse:

- Pai, mãe. Tenho algo muito importante.

- O que foi desta vez, Marco Antônio? – perguntou Miguel, desconfiado de que o filho

tinha aprontado alguma coisa.

- Conheci uma menina chamada Anna Júlia no churrasco de aniversário dela. A gente tá namorando, nos deitamos e ela tá gráv...

- Grávida? – interrompeu Miguel.

- Sim, pai. A camisinha estourou – disse Marco Antônio, envergonhado.

- Você é um irresponsável! Meu filho, quando é que você vai tomar tendência na vida? Cometeu fornicação, que é um pecado grave diante do Senhor e isso gerou consequências. Agora, você vai ser pai antes do tempo. Por ventura, os pais de Anna Júlia sabem da gravidez? – perguntou Miguel.

- Só a mãe dela – respondeu Marco Antônio.

- Quantos anos ela tem? – perguntou Miguel.

- Dezesseis anos – respondeu Marco Antônio.

- Pois é, você ainda vai completar quinze anos e ela tem dezesseis e vocês serão pais. Não sei quem tem menos juízo. Mas uma coisa eu tenho certeza: você vai assumir essa criança e eu e sua mãe vamos dar todo o apoio necessário. Além disso, você vai pedir perdão a Deus pelo pecado da luxúria – advertiu Miguel.

- Meu filho, você têm noção da responsabilidade que você e a Anna Júlia vão ter

daqui pra frente? Vocês vão ter um bebê para cuidar, educar, alimentar. Espero que vocês aprendam a lição. Eu tenho uma novidade. Você vai ter dois irmãozinhos ou duas irmãzinhas ou mesmo um casal. Eu tô grávida de gêmeos – disse Darlene.

- Você tá de quantos meses, mãe? – perguntou Marco Antônio.

- De quatro meses, querido. Eu fiz a ultrassonografia hoje – respondeu Darlene.

- Que bom que vou ter dois ou duas irmãs – disse Marco Antônio.

Mauro e Beatriz jantavam um bacalhau à Zé do Pipo no Trasmontano, restaurante português na Praia do Canto. O pai de Anna Júlia tinha 41 anos, era um homem possessivo, machão e explosivo. Foi casado com Beatriz por dez anos. Trabalhava como prático. Gostava de rock progressivo e motociclismo (tinha uma Suzuki Hayabusa amarela). Era branco, tinha cabelos e olhos negros e media 1,80 m.

- Mauro.

- Fala, Beatriz.

- A Anna Júlia tá grávida.

- O quê?

- Ela vai ser mãe.

- Quem é o pai?

- É o Marco Antônio, o namorado dela.

- A culpa é sua, só sua. Você vive

fazendo shows, gravando discos e não tem tempo pra cuidar da Anna Júlia e vigiá-la. Você é irresponsável e ausente. Por isso, que o nosso casamento acabou. Eu fui claro quando perguntei o que você queria: a família ou a música. E você escolheu a segunda opção.

- Faça-me o favor, Mauro. Foi seu ciúme besta que pôs fim ao nosso casamento. Eu vivia sufocada e infeliz ao seu lado, você era muito possessivo, pelo fato de eu ganhar mais do que você na música. Lembra do tempo que você ainda trabalhava como estivador?

- Não quero lembrar disso, Beatriz. Fui muito humilhado no Porto de Vitória. Águas passadas não movem moinhos. Hoje é vida nova, novos planos.

- Pois é, Mauro. A maternidade é um fato que tava fora dos planos de Anna Júlia e disse que a ajudaria no que fosse preciso. Mas não posso tudo sozinha. Conto com a sua colaboração.

- Pode deixar, Beatriz. Vou ajudar no que for preciso. Afinal, ela é a minha filha que amo tanto. Espero que o Marco Antônio e os pais dele também ajudem. Afinal, ninguém faz bebê só. Eu vou ter que sair. Ainda tenho que pegar um voo pro Rio manobrar um navio que veio da China.

- Tá bom, Mauro. Até mais.

- Tchau.

Mauro chamou o garçom para pedir a conta. O garçom trouxe a conta e Mauro pagou com seu American Express Platinum.

Beatriz pegou seu *Samsung Galaxy 5* e ligou para Anna Júlia:

- Anna Júlia. É a mamãe.

- Oi, mamãe. Tudo bom?

- Tudo ótimo. Acabei de jantar com seu pai e disse pra ele que você tá grávida.

- E como ele reagiu?

- Ficou nervosinho, disse que a culpa era minha, que eu só vivia da música e que não cuidava de você... Mas ele disse que vai te ajudar a criar o bebê.

- Que bom, mãe. O Marco Antônio me mandou um e-mail dizendo que os pais dele já sabem que eu tô grávida e que também vão me apoiar.

- Ótimo. Era só isso. Um beijo.

- Um beijo, mãe.

Capítulo 5 | O baque

Anna Júlia, acompanhada de sua mãe, Beatriz, estava na Clínica Femina, no consultório da Dra. Úrsula, para fazer o pré-natal. Ela estava deitada na maca, fazendo a ultrassonografia, quando a médica disse:

– Anna Júlia, não consigo medir a cabeça do feto e o fechamento da caixa craniana. Vou requerer uma ultrassonografia morfológica, mais detalhada e pode levar mais de meia hora. Nela, já pode ver o sexo, verificar o coração e suas câmaras, a formação do cérebro, os órgãos digestivos e outros sistemas. Também vai medir a cabeça do feto e o fêmur, o osso da coxa, pra ver se o crescimento tá dentro da média. Peço que não se preocupe.

Anna Júlia começou a ficar angustiada.

"Oh, meu Deus. O que será?" – pensou.

Três dias depois, Anna Júlia e sua mãe foram ao Centro de Diagnóstico por Imagem Daniel Carone. Na sala, quem atendia a jovem mãe era seu filho, Dr. Daniel Carone Júnior, especialista em medicina fetal, fazia a ultrassonografia morfológica. Ele estava com um semblante de quem estava preocupado. Então disse:

– Anna Júlia, tenho que te dar duas

notícias. A primeira, a boa: você vai ser mãe de uma menina. A segunda, a ruim: a bebê tem anencefalia, uma malformação rara do tubo neural, caracterizada pela ausência parcial do encéfalo e da calota craniana, proveniente de defeito de fechamento do tubo neural. É uma patologia incompatível com a vida, onde a criança pode morrer ainda dentro do seu ventre ou no nascimento. Se vier a sobreviver, será por alguns minutos, horas, dias, meses e quando não muito, um ano.

Anna Júlia negou-se a aceitar a situação. Começou a chorar no ombro de sua mãe. Dr. Daniel Júnior saiu da sala e ligou para Dra. Úrsula, comunicando o diagnóstico do bebê da doce moça.

No mesmo dia, Anna Júlia e Beatriz foram à Clínica Femina. Após duas horas de espera, apareceu Dra. Úrsula, que disse à adolescente:

– Anna Júlia, por favor, me acompanhe até meu consultório.

– Sim, doutora.

Anna Júlia seguiu Dra. Úrsula[5] até seu consultório. Então a doutora disse:

---

[5] A fala da Dra. Úrsula foi baseada no parecer da FEBRASGO (Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia) a respeito dos fetos anencéfalos. Disponível em http://goo.gl/kOCpHs Acesso em 19 de julho de 2012.

– Veja bem. O Dr. Daniel Carone Júnior me disse que o feto tem anencefalia, uma malformação incompatível com a vida. Ele pode morrer ainda dentro da sua barriga. Se vier a viver, terá pouco tempo de vida. Sem contar o sofrimento que você terá por carregar um produto da concepção clinicamente morto, você será um caixão ambulante, terá complicações médicas, como hipertensão arterial e aumento do volume de líquido amniótico, alterações respiratórias, hemorragias vultosas por descolamento prematuro da placenta, hemorragias no pós-parto por atonia uterina, embolia de líquido amniótico. O melhor a fazer é pedir que seus pais constituam advogado para entrar com um pedido de aborto terapêutico e trazer pra mim, que eu faço.

Anna Júlia ficou arrasadíssima e saiu chorando do consultório da Dra. Úrsula, batendo violentamente a porta. Beatriz, que a aguardava, perguntou:

– O que foi, filha?

– Eu vou sair daqui e vou pra casa do Marco Antônio. Não fico mais um minuto aqui! – gritou Anna Júlia.

Beatriz então perguntou à Dra. Úrsula:

– Doutora, o que deu nela pra sair desse jeito?

– Disse que o feto tem anencefalia. Ele vai morrer ainda no ventre e se sobreviver, será por um breve período. O melhor a fazer é interromper a gravidez pra diminuir o sofrimento.

– Isso não pode ser verdade. É sofrimento demais para uma menina só.

– É verdade sim, senhora Beatriz. Não há muito que fazer diante da certeza iminente da morte, senão lamentar e chorar.

Capítulo 6 | O carinho

Chorando, Anna Júlia saiu da clínica, pegou um táxi e foi à casa do Marco Antônio, em Jucutuquara. Eram dezoito horas. Ela bateu à porta. Darlene, que estava na sala, sentada no sofá, redigindo em seu laptop uma ação trabalhista coletiva contra a Prontolimpeza, empresa de limpeza e conservação que faliu e não pagou a rescisão dos funcionários, levantou-se do sofá e foi abrir a porta. Encontrou Anna Júlia chorando. A jovem disse:

– Boa noite. O Marco Antônio se encontra?

– Ele tá no quarto dele estudando pra prova de Ciências. Quem é você?

– Sou a Anna Júlia, a namorada dele.

– Então é você que é a Anna Júlia? Eu sou Darlene, a mãe do Marco Antônio. Sou advogada. Ele contou que você tá grávida dele. A princípio, ficamos desapontados pelo fato de ter sido tão irresponsável, de ter se entregado às paixões da carne e não mediu as consequências de seus atos. Agora, você vai ser mãe de um filho ou filha dele. Eu também tô grávida, mas de gêmeos. É paradoxal, vou ser mãe e avó ao mesmo tempo. Quer entrar?

– Sim.

– A propósito, você tá de quantos meses?

– Cinco meses.

– Eu também tô grávida de cinco meses. Entre e fique à vontade.

Anna Júlia entrou na casa na companhia de Darlene. As duas se sentaram no sofá. A menina disse à Darlene:

– Vou ter uma menina que pode morrer.

– Como?

– Hoje fui fazer a ultrassonografia morfológica lá no Daniel Carone e o médico disse que eu vou ter uma menina, mas que ela tem anencefalia, uma malformação incompatível com a vida e que ela vai morrer quando nascer e se vier a sobreviver, será por pouco tempo. A Dra. Úrsula disse que eu carrego no ventre um feto morto, serei um caixão ambulante e vou ter um monte de complicações médicas. Mandou procurar meus pais procurarem advogado pra entrar na justiça com um pedido de aborto terapêutico e levar pra ela, que ela fazia. Tô confusa, não sei o que fazer.

– Abortar essa criança? Nunca! Pra começo de conversa, saiba que a Úrsula é abortista convicta e aborteira contumaz. Corre à boca miúda que ela costuma fazer abortos clandestinos em sua clínica.

– Crê em Deus Pai, que horror! Tô começando a ficar com medo!

– Em segundo lugar, o aborto de anencéfalo não é hipótese de aborto terapêutico admitido pelo inciso 1º do artigo 128 do Código Penal. Não é terapêutico, coisa alguma! É aborto eugênico, com o afã de exterminar um bebê deficiente. Isso remete às sociedades pagãs greco-romanas, que eliminavam os mais fracos, considerados um estorvo à sociedade. A Constituição garante a todos os bebês sadios ou não o direito à vida, o Código Civil diz que os direitos dos nascituros, ou seja, os bebês que você e eu carregamos em nossos ventres são garantidos desde a concepção. Além disso, a Convenção Americana de Direitos Humanos, também conhecida como Pacto de São José da Costa Rica assegura o direito à vida desde a fecundação.

Lágrimas corriam dos olhos de Anna Júlia. Ela ainda estava confusa, não havia decidido se manteria ou interromperia a gestação. Darlene prosseguiu a conversa:

– Essas complicações que a doutora falou, se fizer um pré-natal adequado, são todas tratáveis. A medicina evoluiu bastante ao longo dos anos. Vou te dar um conselho, não só de amiga, mas de mulher e mãe que quer o melhor para seus filhos: procure outra obstetra, porque

essa Úrsula é uma pessoa fria e psicopata. Sempre faz suas maldades sem demonstrar remorso ou sentimento. O pior é que ela é minha cunhada e tia do Marco Antônio por parte do pai.

Anna Júlia ficou impressionada da maneira firme que Darlene defendia a vida – disse Darlene.

– A vida pertence a Deus e só cabe a Ele tirar. Ele é Autor da Vida.

Darlene pegou a sua Bíblia que estava em sua bolsa e mostrou à Anna Júlia várias passagens que ressaltam a importância que Deus dá à vida intrauterina:

– Vamos começar aqui pelo Salmo 139, versículos 16 e 17, onde o rei Davi diz: "*Os teus olhos viram a minha substância ainda informe, e no teu livro foram escritos todos os meus dias, cada um escrito e determinado, quando nem um deles havia ainda*", vamos a Jeremias 1, versículo 5, "*Antes que eu te formasse no ventre materno, eu te conhecei e antes que saísses da madre, te consagrei e te constituí profeta às nações*", vamos a Isaías 41, versículo 1, "*Ouvi-me, ilhas, e escutai vós, povos de longe: O Senhor chamou-me desde o ventre, desde as entranhas de minha mãe fez menção do meu nome*" e para terminar, vamos a Lucas 1, versículo 41, "*Ouvindo esta saudação de Maria, a criança lhe*

estremeceu no ventre; então Isabel ficou possuída do Espírito Santo". Pois é, Anna Júlia, esses são algumas das passagens que mostram que as crianças que ainda estão em nossos ventres são importantes para o Senhor. Definitivamente: aborto é assassinato, um pecado gravíssimo diante dEle.

Anna Júlia ouviu atentamente as palavras de Darlene e nelas, meditou por vários minutos. Ela chorava copiosamente e soluçava, enquanto acariciava a sua barriga. A mãe de Marco Antônio, no laptop, entrou no Google, digitou "anencéfalos" e achou vários testemunhos de mães e pais com anencefalia. Ela disse à Anna Júlia:

– Anna Júlia, gostaria de compartilhar alguns testemunhos de mães[6] e pais que tiveram filhos com anencefalia que eu achei na internet. Você quer ouvir?

– Sim.

– Vou ler o primeiro, de Márcia Tominaga:

Eu passei mal ao tomar uma Coca-Cola. Pensei, "hum... estou grávida". Fiz o teste de farmácia e deu positivo, depois, o resultado foi

[6] Os testemunhos de mães de anencéfalos foram retirados dos sites www.anencefalia.com.br e www.providaanapolis.org.br e das transcrições das audiências públicas promovidas pelo STF em 2008 para debater a ADPF 54, que legalizou o aborto de anencéfalos.

confirmado com Beta HCG. "Pedro Paulo vai ter um (a) irmãozinho (a)!", pensei.

O tempo passou. Chegou a hora de fazer o exame de translucência nucal. O médico que fez a ecografia demorou muito na análise e, ao final, falou que precisaria repetir o exame na presença do meu médico. Disse, simplesmente, que não estava visualizando o fechamento da calota craniana, mas que às vezes o fechamento demorava um pouquinho.

Não saí alarmada. Achei que não haveria maiores complicações. O obstetra pediu que eu repetisse o exame em outra clínica e assim o Dr. Vinagre me deu uma notícia acre: o bebê tinha acrania e não tinha chances de viver muito tempo depois de nascido, se chegasse a nascer.

Retornei à clínica. Novo exame, na presença do meu obstetra. Parecer confirmado: acrania, que evoluiria para a anencefalia. Fomos para a sala do médico, para que pudéssemos conversar mais reservadamente a respeito. A perspectiva não era animadora. O bebê, se nascesse, teria a chance de viver: até 1hora; se superada esta primeira hora, até 1 semana; se superada a primeira semana, até 1 mês; se superado o primeiro mês, até um ano (no máximo!).

O médico começou a falar sobre a necessidade da autorização judicial para "interromper a gestação", mas eu logo o interrompi, perguntando se eu corria risco de vida. Não, eu não corria risco de vida em razão da má formação do bebê, "então, Doutor, este bebê vai nascer!"

E assim foi. Uma gestação que evoluiu naturalmente, sem percalços. Poderia dizer que foi a melhor gestação, das seis que tive até o momento. Felipe nasceu de parto normal em 17/06/2003, um neto, um belo presente de aniversário para a minha mãe. Ele viveu vinte minutos, tendo sido batizado na sala de parto, pelo próprio médico, o que nos dá a certeza de que sua alma está no Paraíso (somos católicos e acreditamos que foram cumpridas as disposições preconizadas pela doutrina católica para tanto). Um santo filho!

No ano seguinte, que coisa interessante: a ADPF nº 54, que trata da autorização para o aborto dos bebês anencéfalos, processo que tramita no Supremo Tribunal Federal, foi distribuída para o relator, Min. Marco Aurélio, exatamente no dia em que Felipe, se estivesse vivo, completaria um ano de vida!

Coincidência? Acredito que não. Olhando em retrospectiva, vejo que trazer Felipe ao mundo foi, sem dúvida alguma, uma

dura experiência, pela qual passamos na convicção de que o respeito à vida e o amor incondicional a um filho, seja ele como for, tenha ele a má formação que tiver é o único, apaziguador e verdadeiro caminho a ser trilhado.

- Que história linda!

– Eu tenho mais um testemunho, de Janaína da Silva César:

Venho por meio deste relatar a minha experiência enquanto mãe de um filho anencé-falo. Sou estudante de Direito do 9º semestre da Universidade Católica de Brasília.

Há três anos, em virtude de um namoro, engravidei e devido a circunstâncias afetivas acabei por ficar sozinha. À época tinha 19 anos. Tive que enfrentar todas as questões familiares, a vergonha, enfim, todo o constrangimento de uma gravidez no fim da adolescência.

Felizmente, não obstante todo o sofrimento que experimentaram, meus pais, por serem católicos, me acolheram. Passaram-se três meses e, enfim, o pai da criança resolveu acompanhar-me numa ecografia: era o dia em que conheceríamos o sexo do bebê.

Naquela oportunidade, a médica ecografista foi bastante cuidadosa, mas não havia como omitir a anomalia que sofria meu filho, ele era anencéfalo. Obviamente tal

notícia assustou-me e eu, a princípio, não fui capaz de absorver a realidade, até porque nunca tinha ouvido falar em algo semelhante.

Já naquele momento, a doutora trouxe a possibilidade do aborto, mesmo não se mostrando muito favorável. No mesmo dia, à tarde, procuramos outro médico em um hospital particular de Brasília (Hospital da Unimed) e este me disse: "Menina, pra quê você quer uma coisa que não presta?"; "Se fosse minha paciente eu te levaria agora para a curetagem."

Não sabia o que era curetagem, quando me explicaram tratar-se, naquela situação, de um eufemismo para a palavra aborto. Felizmente, pude contar com o acompanhamento de uma outra médica particular e, então, dei continuidade ao pré-natal.

Desde o primeiro dia, quando foi constatada a má-formação, a ecografista e também a minha ginecologista-obstetra, informaram-me acerca de uma equipe médica especialista nestes casos que atendia no HMIB – Hospital Materno-Infantil de Brasília.

Na oportunidade, disseram-me que se tratava de uma equipe médica especialista em casos de gestação de alto risco, seja para mãe ou para o filho. Alguns dos amigos da faculdade aos quais relatei a situação, me disseram que o Ministério Público concedia autorizações para

mulheres que desejassem fazer o aborto, principalmente àquelas que recorressem a referida equipe médica do HMIB.

Por isso, a princípio, resisti em marcar uma consulta naquele hospital. Contudo, visando as melhores condições para mim e para o meu filho, busquei um encaminhamento no posto de saúde do Núcleo Bandeirante, tendo em vista que se tratavam de especialistas e eu queria que, após o parto, o meu filho recebesse os cuidados necessários, caso viesse a sobreviver depois do corte do cordão umbilical.

Realmente, eu já estava decidida a não abortar o meu filho. Tal possibilidade somente passava na minha mente à força das palavras, muitas delas duras, que ouvia dos médicos, mas tal possibilidade não emanava do meu interior.

Queria conviver com o Thalles o tempo que fosse possível, já estava no sétimo mês da gestação e não fosse o fato de que ele era anencéfalo, tudo mais corria na maior naturalidade. Sentia-me bem, não tive alterações fisiológicas, além daquelas naturais da gestação como, por exemplo, o aumento de nove quilos no meu peso. Enfim, qual foi a minha surpresa ao constatar a realidade do atendimento naquela equipe de excelência, pois, todo o tempo fui compelida a realizar o aborto.

Naquele hospital, eram marcadas uma vez na semana, consultas, com a referida equipe. Ficavam numa antessala, sem assentos suficientes, por volta de 12 mulheres e seus respectivos acompanhantes ou não, aguardando a consulta.

Todas elas estavam grávidas de crianças com as mais diversas más-formações – das quais nunca tinha ouvido falar. Algumas, muito pobres, outras que já haviam tido filhos com aquelas deformidades anteriormente, conversavam entre si, enquanto eu as observava. Percebi que eu era a única que tinha um filho anencéfalo.

Enquanto aguardávamos, pude presenciar um momento que me chocou deveras. É que elas estavam conversando a respeito de uma mãe que tinha passado por ali, algumas semanas antes, e que naquele dia estava realizando a interrupção da gravidez.

Pude presenciar aquela mãe sentada no corredor do hospital, chorando muito após o parto. Ela estava lá sozinha – porque não permitem acompanhantes no pós-parto de maiores – e sequer, conforme relatou e porque não permitiram, conseguiu ver o seu filho direito, o que lhe causou muito sofrimento.

Chegou a minha vez, e como relatei, os médicos, na pessoa do médico-chefe, me diziam

que eu já deveria ter feito a chamada interrupção e que uma cesariana traria para mim riscos muito maiores que a interrupção, que eu não deveria mostrar o meu filho para ninguém após o parto e até mesmo que eu poderia ficar cheia de estrias etc. Tudo para que eu interrompesse a gravidez. Realmente, se fosse necessário recorrer aquele hospital para dar continuidade à gestação, o meu sofrimento teria sido triplicado.

Enfim, graças a Deus, eu e o Thalles superamos todos os preconceitos e dificuldades. Amei-o com toda intensidade que conseguia. Cantei, rezei, brinquei, ou seja, fiz tudo o que uma mãe faz com o seu filho no ventre.

Ele nasceu às 13h15min do dia 09.07.2002, foi registrado como cidadão brasileiro e faleceu às 11h25min do dia 10.07.2002. Tive a oportunidade de segurá-lo no colo e de me despedir dele.

Hoje trago uma linda e real lembrança, de uma gravidez, que teve algumas dificuldades intrínsecas à situação, mas que me trouxe muitos benefícios enquanto pessoa humana e me deu uma grande alegria: a de ser mãe.

Sou mãe do Thalles, vivo ou morto, bonito ou feio, presente ou ausente. Sou mãe dele porque ele efetivamente existiu e foi gerado em mim, o tempo que ele permaneceu com a

minha família e toda a multidão que ia vê-lo na incubadora, foi um grande lucro.

Antes da liberação do aborto, o que as mães de filhos anencéfalos necessitam é de esclarecimento, valendo ressaltar as incoerências que têm sido divulgadas, e apoio.

A atitude do governo deve ser a da prevenção, com a distribuição de ácido fólico, com o combate ao uso de drogas, enfim, não vai ser por esse caminho, aparentemente mais fácil, que as mães terão a sua dificuldade sanada, mas no acolhimento e na solidariedade.

Anna Júlia, após ouvir esses dois testemunhos, falou:

– Darlene, eu ouvi duas histórias muito lindas sobre o amor materno mesmo diante da certeza da morte dos filhos. Minha filha vai se chamar Anna Beatriz, viverá o tempo que Deus determinar e como toda cidadã brasileira, terá certidão de nascimento e de óbito. Vou amar minha filha intensamente e cuidar dela enquanto ela viver. Não vou deixar que uma carniceira como a Dra. Úrsula trucide minha pequena com uma cureta ou um aspirador.

Darlene não se conteve e foi às lágrimas. Nesse momento, veio Marco Antônio de seu quarto e encontrou Anna Júlia deitada no sofá e Darlene redigindo a peça processual. Ele perguntou à mãe:

– Oi, mãe. Que surpresa ver Anna Júlia aqui, deitada no sofá. Eu ouvi toda a conversa lá do quarto. Aconteça o que acontecer, eu vou amar a minha filha enquanto ela viver e pedir a Deus que nos dê força para suportar a sua partida. A Sua palavra não diz que os filhos são herança do Senhor e o fruto do ventre, o seu galardão? Vou cumprir meu papel de pai e cuidar da Anna Beatriz até o último suspiro.

Anna Júlia levantou-se do sofá e abraçou Marco Antônio. Darlene fez o mesmo e disse:

– Marco Antônio, por algum tempo, achei que você jamais tomaria juízo, mas me enganei. Chorei diante da fala de Anna Júlia, cheia de ternura para com a filha e de proteger a criança de todo o mal. Vou ler aqui da internet, a história da jornalista Kellen Reis, que estava grávida de uma criança anencéfala:

Meu nome é Kellen Reis, tenho vinte e quatro anos, sou casada, estou grávida de oito meses. Ao quinto mês de gestação, eu descobri que a minha filha, Maria Eduarda – já tinha um nome –, possuía anencefalia.

No momento, com a chegada da notícia, claro que é um abalo, você se sente impotente diante da situação. Meu marido esteve presente no exame, esteve presente comigo nas consultas médicas, procurei vários especialistas. Duas médicas me orientaram que

eu poderia fazer o aborto, mas eu não quis.

Acredito que eu não sou ninguém para decidir sobre a vida de outro ser humano, principalmente da minha filha; optei por levar a gestação até o final. Quem acredita que eu sofro, que eu choro, todos os dias, eu não sofro desta maneira. Preferi curtir cada momento da minha gestação, curtindo a minha gravidez, curtindo a minha filha que mexe, que reage a estímulos, que me dá essa condição, a minha força vem dela.

Acredito que a mãe de um anencéfalo só sofre se ela quiser, porque ela tem a opção de ficar chorando o dia todo, mas eu quis curtir cada momento e cada dia; vou levar essa gravidez até o último minuto.

Procurei saber se eu corria algum risco, estou tendo orientação médica e psicológica. Para mim, é uma gravidez normal; para mim, existe uma vida, sim, não me considero um caixão ambulante, não me considero um caixão ambulante, não acredito que minha filha esteja morta dentro de mim.

Quero ser mãe hoje; o que eu puder fazer para minha filha, hoje, eu vou fazer. Acredito que é dessa maneira que toda mãe poderia fazer que é contribuir com a vida do seu filho.

Porque, se ela viver até o nono mês, se

ela sobreviver ao parto, por alguns segundos, por algumas horas, que seja, ou por um ou dois dias, como já aconteceu em alguns casos, a minha parte eu fiz como mãe.

Eu consegui ser mãe da Maria Eduarda até o momento que ela aguentou viver, e não que eu decidi que ela vivesse, porque eu acho que eu não tenho esse direito de decidir sobre a vida de ninguém, de outro ser humano que não a minha.

Essa é a minha primeira filha. Eu tenho certeza que eu vou engravidar de novo, que eu vou ser mãe de novo, mas eu não vou ter a Maria Eduarda de novo. Então, hoje, eu quero ser mãe da Maria Eduarda.

- Imitando a Kellen Reis, hoje quero ser a mãe da Anna Beatriz – disse Anna Júlia, afagando o ombro de Marco Antônio.

- E eu, quero ser o pai de Anna Beatriz – falou Marco Antônio, com lágrimas nos olhos.

Capítulo 7 | Uma amizade pelo console

Anna Júlia e Marina marcaram um encontro na Tamisa Cafeteria, na Praia do Canto. Fazia algum tempo que elas não se viam.

– Marina, eu vou ter uma menina, mas ela é anencéfala, que é uma má-formação incompatível com a vida. A doutora Úrsula recomendou abortá-la. No dia que eu fui fazer a ultra e soube do resultado, meu mundo desabou. Mas, quando fui à casa de Marco Antônio e falei com a Darlene, tudo mudou. Ela me mostrou que do ponto de vista jurídico, minha bebê, mesmo com esse problema, tem direito à vida e que este direito é inviolável. Além disso, ela me mostrou várias passagens bíblicas que mostram como Deus tem um apreço especial para as crianças que ainda tão no ventre de suas mães e leu dois testemunhos de mães de crianças anencéfalas que me tocaram muito. Disse que manteria a gravidez e a bebê se chamará Anna Beatriz, a Darlene chorou. Aí, apareceu o Marco Antônio, dizendo que vai amar a nossa filha enquanto ela viver e pedir a Deus que nos dê força para suportar a sua partida e que vai cumprir seu papel de pai e

cuidar da Anna Beatriz até o último suspiro. A mãe dele nos elogiou pela postura madura que tivemos diante de uma situação adversa.

– Não liga pra tia Úrsula. Ela é uma transtornada da cabeça. Sinto medo dela. A tia Darlene e Marco Antônio já me contaram tudo. O compromisso de ser a madrinha da Anna Beatriz ainda tá de pé. A gente tem que curtir essa bebê, enquanto ela viver.

– No que depender de mim, ela terá todo meu amor e meu carinho. Ela é um ser humano como nós e só cabe a Deus definir o seu destino, que devemos aceitar com resignação.

Anna Júlia e Marina se abraçaram e choraram.

Alfredo tomava uma tigela de açaí e estava numa mesa atrás de Anna Júlia e Marina, gravou toda a conversa no seu iPad e postou no Facebook. Horas depois, o post na rede social havia chegado aos 250 comentários.

Foram muitas barbaridades escritas a respeito de Anna Júlia, Marco Antônio, de Marina, de Darlene e até do sentimento religioso. Em qualquer roda da escola, Anna Júlia era o assunto mais comentado.

Quando ela chegou na escola, acompanhada de Marco Antônio, foi zombada pelos alunos.

- Lá vem a Anna Júlia, a menina que brinca de ser mãe – disse Márcio.

- A mãe e o pai do monstro chegaram aí, gente! – afirmou Daniel.

- A Anna Júlia e o Marco Antônio são os pais do ano da bizarrice – riu Cléber.

Anna Júlia sofreu uma queda de pressão e passou mal. Marco Antônio perdeu a paciência e deu um chute na cara de Márcio, a ponto de sair sangue, um pescotapa em Daniel e um soco na cara do Cléber.

Alfredo, ao ver a cena, discretamente pegou o celular e ligou para Dra. Úrsula:

- Alô, Úrsula. É o Alfredo.

- Fala, Alfredo. O que você manda?

- Espiei a conversa entre Anna Júlia e Marina, gravei em vídeo e pus no Face. Já tá em quinhentos comentários. Aqui, os meninos trollaram o casalzinho e deu até porradeiro entre Marco Antônio e eles.

- Que maravilha. Com essa pressão, Anna Júlia não terá outra opção, senão me procurar pra antecipar o parto e assim, ganhar um dinheirinho. No fim da tarde, você passa aqui na clínica pra pegar seu Playstation 3.

- Pode deixar. Valeu, Úrsula.

- Falou.

Lourdes, a dona da cantina, preparou um copo com água para Anna Júlia, que ficou

estabilizada.

Na coordenação, Marco Antônio foi repreendido por Lúcia, a coordenadora:

- Entendo que Márcio, Daniel e Cléber te ofenderam e ofenderam sua namorada, mas nada justifica uma atitude tão violenta. Diante da gravidade do fato, não vejo outra opção, senão te suspender das aulas por hoje e só voltar com a presença do responsável. Você vai para casa agora.

- Mas, Lúcia.

- Eu sinto muito, Marco Antônio.

- Os meninos que me provocaram não vão ser suspensos?

- Eles serão advertidos oralmente.

- Posso ir?

– Pode. Vou ligar ao porteiro que abra o portão pra você.

Lúcia ligou para o porteiro autorizando a saída de Marco Antônio.

Sentindo-se mal, Anna Júlia saiu da aula mais cedo. Ela chamou um táxi, foi para casa, tomou um calmante e dormiu.

Enquanto isso, as provocações na internet prosseguiam, agora com montagens de Anna Júlia dando à luz a um monstro.

Marina foi à Clínica Femina, pois tinha consulta de rotina marcada com a Dra. Susan Moreira, viu a tia, Dra. Úrsula, tirar do porta-

malas do seu Citroën C4 Pallas e dar para Alfredo.

“Por que tia Úrsula tá dando um Playstation 3 pra Alfredo?”, pensou.

A clínica tinha rede wi-fi aberta para clientes, Marina pegou seu iPad, entrou no Facebook e viu o vídeo da conversa dela com Anna Júlia, os comentários maldosos e as peças ofensivas publicadas a seguir. Ela ficou furiosa e gritou:

– Desgraçado! O Alfredo filmou a minha conversa com Anna Júlia e postou no Facebook, nos expondo ao ridículo. Eu vou matá-lo!

CAPÍTULO 8 | A RESPOSTA DOS AMIGOS

Marco Antônio e Darlene estavam na mesa da cozinha, tomando café da manhã. Ele tinha algo para dizer à mãe.

- Mãe, aconteceu algo terrível ontem.

- O quê, meu filho?

- Não sei como, mas alguém espalhou pros meninos da escola que a Anna Júlia vai ter uma bebê anencéfala e falaram de coisas horríveis dela e de mim. Anna Júlia passou mal e teve que sair da escola mais cedo. Eu perdi a paciência e bati nos três meninos que provocaram a gente. Só entro se você for.

- Meu Jesus! Você me apronta cada uma. Eu vou pra escola ainda hoje e vou saber mais detalhes dessa história. A propósito, quem são esses três meninos?

- Márcio, Daniel e Cléber. Eles só tomaram uma advertência.

- Nada justifica a violência. Faltou sabedoria da sua parte pra saber lidar com as provocações.

- Mas eles tocaram em algo muito sagrado, a família.

O Nokia C3 da Darlene tocou. Era

Marina, bastante furiosa. O celular estava no viva-voz.

- Oi, Marina. Bom dia.

- Que mané, bom dia. A minha noite foi péssima.

- Ai, menina. Que mau humor!

- Alfredo, colega nosso fez uma coisa horrível.

- O que ele fez?

- Gravou um vídeo da conversa minha com Anna Júlia e postou sem nossa autorização no Facebook a respeito da doença da bebê. O pessoal tá tirando sarro da minha cara, da Anna Júlia, do Marco Antônio e até de você, tia. Sem contar as montagens horríveis que fizeram de Anna Júlia parindo um monstro. Eu vou esganar o Alfredo. O que ele fez não tem perdão. É invasão de privacidade. Agora, somos motivo de chacota na escola.

- Que barbaridade! Hoje vou à escola para esclarecer os fatos e identificar os responsáveis. Isso é crime contra a honra e pode dar processo tanto cível, como criminal.

- Quero mais é botar o Alfredo e os demais idiotas que falaram gracinha no pau. A Anna Júlia tá arrasada com as provocações que fizeram dela ontem na escola. Ela me contou agora há pouco pelo telefone o que fizeram com ela e com o Marco Antônio.

- O Marco Antônio também me contou o que aconteceu. Mas deixei claro que não concordei com a conduta dele de agredir os colegas que fizeram as chacotas contra ele e Anna Júlia.

- É mesmo, tia? Ele tinha que pegar a ripa e bater até sair sangue no lombo desses moleques e dar umas cinquenta chicotadas nas costas do safado do Alfredo. Eu vou na escola com você pra resolver essa situação. Manda um abraço pro Marco Antônio. Tchau, tia.

- Tchau, Marina.

Darlene pôs o celular na mesa, e continuou a tomar o seu café. Mãe e filho voltaram a conversar.

- Mãe, eu tô custando a acreditar que o Alfredo tenha feito isso com a gente. Durante tanto tempo, a gente andou junto, ele frequentou minha casa. Que mau caráter!

- Infelizmente, é verdade, Marco Antônio. A traição pode vir de quem você menos imagina.

- Mas a troco de quê e a mando de quem ele fez isso, meu Deus?

- É o que vou saber, quando for à escola hoje à tarde.

- Eu espero. Ele invadiu a privacidade de várias pessoas e expôs a gente ao ridículo perante nossos amigos no Facebook. Não tiro a

razão da Marina, tem que botar ele e quem mais que publicou os insultos na justiça.

- Eu vou chamar os autores dessa troça para uma conversa séria, propondo que se retratem publicamente e retirem o vídeo e as peças ofensivas. Caso contrário, vou acionar seus pais judicialmente. Combinado assim, Marco Antônio?

- Combinado.

- Então, tá bom. A Marina mandou um abraço pra você.

- Manda outro pra ela.

Mais tarde, Anna Júlia e Marco Antônio foram para o consultório da Dra. Lílian Barreto, obstetra especialista em gestações de alto risco que passou a acompanhar a gestação da adolescente e demonstrou sensibilidade com o caso de Anna Júlia, tanto que faria o parto dela. Ela também atendia Darlene, que indicou a doutora à Anna Júlia.

Dra. Lílian fez o ultrassom em Anna Júlia, mostrando Anna Beatriz e as batidas do seu coraçãozinho.

– Que lindo! Como o coraçãozinho dela pulsa, meu Deus! – disse Anna Júlia indo às lágrimas.

– E ainda dizem que anencéfalo não tem vida – afirma Marco Antônio, abraçando Anna Júlia.

– Realmente, é um ser humano com vida dentro do seu ventre, Anna Júlia. No que depender de mim, farei de tudo para que ela nasça com dignidade – disse Dra. Lílian.

Darlene e Marina foram ao TU, decididas a falar com a coordenadora e a diretora da escola para chamar os três meninos que provocaram Marco Antônio e Alfredo, responsável pela gravação e publicação do vídeo para uma conversa séria. Na recepção, Darlene disse à Janete, a funcionária:

– Tenho horário marcado com a diretora e a coordenadora desta escola. Trata-se de um assunto seríssimo envolvendo alunos desta instituição.

– Quem é a senhora?

– Sou Darlene Aparecida Wernersbach Carvalho, mãe de Marco Antônio Wernersbach Carvalho.

– Só um minuto.

Janete ligou para o ramal da diretora, Maria do Carmo, que autorizou a entrada de Darlene e Marina. Elas subiram as escadas em direção à sala da direção, entraram e sentaram nas cadeiras. Darlene disse:

– Boa tarde. Eu sou Darlene, a mãe de Marco Antônio. E esta é Marina, minha sobrinha.

– Prazer, eu sou Maria do Carmo, a

diretora do TU de Jardim da Penha – disse Maria do Carmo, cumprimentando Darlene e Marina.

– Eu sou Lúcia, coordenadora do 1º e 2º ano do Ensino Médio desta unidade – disse Lúcia, cumprimentando Darlene e Marina.

– Vim aqui, senhora Maria do Carmo, para tratar de um assunto gravíssimo. Meu filho, Marco Antônio, afirmou que alguém espalhou pros meninos da escola que Anna Júlia, a namorada dele, vai ter uma bebê anencéfala e falaram impropérios contra a menina e contra meu filho. Anna Júlia passou mal e teve que sair da escola mais cedo. Marco Antônio perdeu a paciência e bateu nos três meninos que provocaram o casal. Por isso, ele foi suspenso. Não concordei com a conduta dele e o repreendi. Hoje, de manhã, recebi um telefonema da Marina, minha sobrinha, informando que o aluno Alfredo gravou sem autorização dele e de Anna Júlia, um vídeo da conversa delas e postou no Facebook, a respeito da doença da bebê. Sem contar as montagens horríveis que fizeram de Anna Júlia parindo um monstro. Com certeza, isso deve ter provocado as provocações na escola. Peço, por favor, que chame os três meninos que fizeram essa barbaridade e o Alfredo. Quero conversar seriamente com eles – falou Darlene, com firmeza.

– Lúcia, por favor, busque o Alfredo, Daniel, Márcio e Cléber – disse Maria do Carmo.

Obedecendo a ordem da diretora, Lúcia foi à sala de aula, buscou Alfredo, Daniel, Márcio e Cléber e os levou à sala da direção. Ela disse:

– Diretora, aqui estão os meninos que a senhora pediu pra trazer.

– Obrigada, Lúcia.

Maria do Carmo interrogou Daniel, Márcio e Cléber:

– Daniel, Márcio e Cléber. Antes de qualquer coisa, boa tarde. Eu chamei vocês aqui pra fazer algumas perguntas e a primeira delas é: porque vocês foram agredidos pelo aluno Marco Antônio?

– É porque a gente fez uma brincadeira... – disseram Daniel, Márcio e Cléber, uníssonos.

– Brincadeira de mau gosto, diga-se de passagem. Vocês deveriam medir as palavras. Sentimentos de pessoas que me são caras foram feridos – interrompeu Darlene.

– Bando de idiotas. Foram brincar com uma coisa séria – indignou-se Marina.

– Como é que vocês souberam da doença da bebê de Anna Júlia? – perguntou Maria do Carmo.

– A gente viu o vídeo que Alfredo postou no Facebook da conversa de Anna Júlia e Marina – disse Márcio

– Alfredo, eu vou te matar, seu desgraçado, seu verme, sua praga! – gritou Marina, querendo ir às vias de fato com o rapaz.

– Marina, olha os modos, menina! – advertiu Darlene.

– Daniel, Márcio e Cléber, vocês deviam ter vergonha do que fizeram. Foi uma brincadeira de extremo mau gosto. Fazer chacotas sobre o infortúnio alheio é inadmissível. Eu exijo que se retratem agora do ato – asseverou Maria do Carmo.

– Sinto muito. Peço desculpas – disse Cléber.

- Eu também – disse Márcio.

- Eu também – disse Daniel.

- Sendo assim, estão dispensados. Boa tarde.

Os três meninos saíram cabisbaixos.

Ainda na sala de direção, Maria do Carmo voltou-se para Alfredo e perguntou:

- Alfredo, porque você invadiu a privacidade de suas colegas, colocando um vídeo onde elas tratavam uma questão que só dizia respeito a uma delas?

- A Dra. Úrsula me procurou e pediu que eu fosse ao café e filmasse pelo meu iPad a

conversa de Anna Júlia e Marina e postasse no Facebook. Ela cooptou pessoas para que fizessem comentários maldosos no post, com o objetivo de pressionar Anna Júlia a procurar ela e fazer o aborto. Em troca, ela me deu um Playstation 3.

- Tô profundamente desapontada com você, Alfredo, porque uma conversa íntima sem consentimento das participantes, gerando toda sorte de constrangimentos à minha família e à família de Anna Júlia. Fez isso em troca de um Playstation 3? Sabia que eu poderia acionar seus pais judicialmente, tanto na área cível e criminal por difamação e pedir danos morais? Você tem noção do que fez à vida de várias pessoas, Alfredo? – disse Darlene.

- Judas! Traidor! Trocou seus amigos por uma droga de Playstation. Isso é imperdoável. Você é um mau caráter que se vende. Não quero ver sua cara nunca mais! Quanto à tia Úrsula, também não quero mais conversa com aquela víbora – gritou Marina, levantando-se furiosa e saiu, batendo a porta da diretoria com violência.

– Eu tô arrependido pelo que fiz e peço perdão. Sempre quis ter um Playstation 3 e fui seduzido pela Dra. Úrsula.

– Eu aceito as desculpas em nome da minha família. E tem um detalhe: você me

promete que vai tirar o post e o vídeo e colocando uma nota pedindo desculpas do ato. De acordo? – perguntou Darlene.

– De acordo – respondeu Alfredo.

– Eu não vou te processar, porque pelo que vi você foi corrompido pela Úrsula, ela sim, vou processar. Isso não pode e não vai ficar assim – disse Darlene.

– Obrigado – respondeu Alfredo, que se levantou e saiu da sala.

Darlene saiu da sala da diretoria e mandou um torpedo para Marina e Marco Antônio pedindo encarecidamente a eles que nada comentassem a Anna Júlia a respeito das provocações no Facebook.

Ela saiu do TU e foi para seu carro e saiu em direção à clínica Femina, para tirar satisfações com Dra. Úrsula. Ao passar pela Avenida Saturnino de Brito, ela ligou o rádio, sintonizado na Máxima FM e estava no boletim de notícias. O locutor deu a seguinte notícia:

– E uma última informação: foi assassinada dentro de seu consultório na clínica Femina, a médica ginecologista e obstetra Úrsula Cristina Luchi Carvalho. As primeiras informações obtidas por nossa equipe de jornalismo é que o autor do crime foi o segurança da clínica Reginaldo Faria do Couto, que tinha um relacionamento com a vítima. A

polícia já iniciou as buscas pelo paradeiro de Reginaldo. Mais informações sobre o caso, você terá no próximo boletim, às 17 horas. Eu sou Leandro Martins e este foi o boletim da Máxima FM.

– Que coisa. Não quero desejar o mal de ninguém, mas Úrsula colheu o que plantou. Meus sentimentos à família dela – disse Darlene.

Marina, quando soube da notícia, ficou desesperada e foi à clínica. Queria ver o corpo da tia.

– Ela podia ter os defeitos que fosse, mas ela era a minha tia. Sangue do meu sangue – falou.

Ela tentou se aproximar da clínica, mas foi impedida pelos policiais militares. O local estava cercado de viaturas das Polícias Civil e Militar e de vários veículos de imprensa.

CAPÍTULO 9 | OS TRABALHOS DE PARTO

Darlene organizou em sua casa o chá de bebê seu e de Anna Júlia, que foi bastante movimentado e contou com a participação das colegas da adolescente do TU, da Crisma da Paróquia Santa Rita, das funcionárias e advogadas do escritório de advocacia onde Darlene trabalhava, das irmãs da Igreja Presbiteriana, da mãe de Anna Júlia, Beatriz e da avó dela, dona Sebastiana. Enquanto isso, os homens que acompanhavam as mulheres ficaram na sala, comendo salgadinho e vendo futebol na TV.

No dia seguinte, Darlene, acompanhada de Miguel e Marco Antônio, deu entrada na Maternidade Santa Maria para dar à luz aos gêmeos, Mateus e Lucas via cesariana. Ela estava com 37 semanas de gestação e queria ter os meninos via parto normal, mas a ultrassonografia mostrava os bebês de cabeça para cima, sem contar que a pressão da mãe de Marco Antônio havia subido muito nos últimos dois meses de gestação. Em virtude das complicações, a orientação médica foi para realizar uma cesárea.

No corredor do hospital, Marco Antônio

deu um beijo no rosto de Darlene, que estava deitada na maca, sendo levada ao centro cirúrgico. Ele disse:

– Mãe, vai nessa tua força, porque Deus é contigo. Em nome de Jesus, vai dar tudo certo.

– Obrigada, filho – disse Darlene, dando um beijo no rosto de Marco Antônio.

Em quinze minutos de operação, comandada pela Dra. Lílian, nasceu Mateus, com 2,200 kg. Quinze minutos depois, nasceu Lucas, com 2 kg. Eles tinham cabelos pretos do pai, mas os olhos eram azuis como da mãe. As enfermeiras os mediram, pesaram, fizeram os testes de praxe e foram para o berçário. Miguel, ao vê-los, chorou de alegria.

– Obrigado, Pai! Tu és fiel! – disse.

No quarto, após acordar da anestesia, Darlene viu a enfermeira Giselle trazer os seus bebês, que choravam muito e ficou bastante emocionada. Ela disse:

– Obrigado, Senhor, pela bênção de ter dois filhos saudáveis e formosos. Aleluia!

Marco Antônio bateu à porta e disse:

- Sou eu, mãe, o Marco Antônio.

- Pode entrar – disse Darlene.

O adolescente entrou no quarto e viu os dois irmãos sendo amamentados pela mãe. Ele falou:

- Mãe, que bebês mais lindos! Posso

segurar um deles?

- Só depois que um deles parar de mamar.

- Tomara que a Anna Beatriz seja tão linda quanto eles.

De repente, o Blackberry de Marco Antônio tocou. Era Anna Júlia.

- Oi, Anna Júlia. Tudo bom?

- Meu bem, a bolsa estourou. A Anna Beatriz tá pra nascer. As contrações só tão aumentando.

- Eu e o papai vamos aí te buscar e trazer aqui na maternidade.

- Ai! Ai! Não sei se vou aguentar.

- Aguenta, sim.

- E os gêmeos, já nasceram?

- Nasceram hoje. São muito lindos. Têm o cabelo pretinho como do papai e os olhos azuis da mamãe.

- Ô, que lindo! Quero ver eles depois. Eu quero ver como vai ser a nossa bebê, meu amor.

- Eu também, meu anjo. Um beijo.

- Outro, meu lindo.

No apartamento, Anna Júlia falou com a mãe:

- Mãe, o Marco Antônio e o pai dele vão me buscar pra me levar pra maternidade. Tá chegando a hora.

- Que bom, Anna Júlia.

- E o papai, ele vai vir?

- Disse que tá pra chegar amanhã.

- Então, tá bom.

No quarto da maternidade, Marco Antônio falou com a mãe:

- Mãe, Anna Júlia acabou de me ligar e disse que a bolsa estourou. É a hora de Anna Beatriz vir ao mundo. Eu e papai vamos lá trazer ela aqui na maternidade.

- Que o Senhor seja com ela nessa hora do parto dê forças a ela quando Ele tiver que recolher a Anna Beatriz.

- Benção, mãe.

- Que Deus te abençoe, filho.

Marco Antônio saiu do quarto e falou com Miguel:

- Pai, a Anna Júlia tá em trabalho de parto e a Anna Beatriz tá pra nascer. Eu falei que vamos buscá-la.

- Tudo bem, Marco Antônio. Só vou ter uma palavrinha com sua mãe e já vou com você.

- Tá bom, pai. Te aguardo.

Após conversar com Darlene, Miguel saiu da maternidade, acompanhado de Marco Antônio rumo à casa de Anna Júlia.

Quando eles chegaram, viram Anna Júlia se contorcendo por causa das contrações

uterinas.

- Já tô aqui, Anna Júlia. Fica tranquila, que vai dar tudo certo – disse Marco Antônio.

– Eu espero – respondeu Anna Júlia, afagando as mãos de Marco Antônio.

Marco Antônio, seguido por Miguel e Beatriz, carregou a amada pelas escadas do prédio, pois o elevador estava com defeito e a pôs no carro, em direção à Maternidade Santa Maria. As contrações estavam maiores e ela sentia que pariria ali. Ela gritava de dor, mas Marco Antônio acariciava e beijava a barriga de Anna Júlia.

Ao chegar à maternidade, foi colocada numa cadeira de rodas pelas enfermeiras e levada para a sala de parto. Dra. Lílian fez a última ultrassonografia, mostrando que a bebê de Anna Júlia estava com a cabeça para baixo e tinha 4 cm de dilatação. Anna Beatriz estava para nascer nas próximas horas.

Capítulo 10 | 24 horas de alegria

Às 15h30min do dia 11 de abril de 2012, após um extenuante trabalho de parto acompanhado pela Dra. Lílian e sua equipe, nasceu Anna Beatriz Siqueira Carvalho. Ela chorou, provando que crianças anencéfalas têm vida, embora ela seja curta. A bebê tinha uns tufos de cabelo louro, olhos azul e era a cara do Marco Antônio.

Anna Júlia estava com 40 semanas completas de gestação e no caso dela, o parto foi natural, sem necessitar de uma intervenção médica maior.

O site suíço anencephaly.info traz a seguinte explicação: *Normalmente, o bebê ajuda a iniciar o parto com sua glândula pituitária e as suprarrenais (glândulas dos rins). Contudo, se elas estão faltando ou se seu desenvolvimento foi atrofiado nas crianças anencéfalas, então o parto nem sempre começa espontaneamente. Em consequência, muitas mulheres pedem que o parto seja induzido no fim de sua gestação. Como a calota craniana está faltando, é ideal que a bolsa d'água demore a se romper durante o parto de tal modo que possa exercer a pressão necessária sobre o colo uterino para dilatá-lo. Se*

for possível manter a bolsa d'água intacta, o nascimento de uma criança anencéfala acontecerá quase do mesmo modo como se a mãe estivesse dando à luz uma criança sadia, e demorará o mesmo tempo. A experiência de mães de crianças anencéfalas tem mostrado que o rompimento artificial da bolsa reduz significativamente as chances de o bebê nascer vivo.

Após ter sido pesada e medida, ter tomado banho e terem lhe vestido um pagãozinho, Anna Beatriz foi para os braços de Anna Júlia, já no quarto, chorou de alegria ao vê-la e a amamentou.

– Meu Deus, como é linda! É mentira quando dizem que anencéfalos são monstros. Minha bebê é a mais linda do universo. Branquinha, rosada, cheirosinha, uma gracinha – disse Anna Júlia, com alegria.

– Ela é muito linda, meu amor. É um presente de Deus para todos nós – disse Marco Antônio, entrando no quarto, com sua câmera Canon T2i.

Marco Antônio tirou várias fotos de Anna Júlia com a bebê. Mauro entrou e disse:

– Oi, Anna Júlia.

– Oi, pai.

– Posso segurar a menina?

– Pode.

Mauro pegou Anna Beatriz do colo de Anna Júlia e a segurou. Marco Antônio o fotografou.

Rapidamente, Darlene passou e também tirou fotos segurando a pequenina menina no colo. Ela falou:

– É igualzinha ao Marco Antônio quando era bebê. Muito fofa!

Beatriz e Miguel, vovôs babões também tiraram fotos com Anna Beatriz.

– Uma criança linda, não? – perguntou Beatriz a Miguel.

– É uma criança muito linda e filha do Pai Celeste – respondeu Miguel.

Marina chegou logo em seguida e pegou Anna Beatriz no colo. Ela chorou e disse à Anna Júlia:

– Ela é realmente um anjinho. Muito linda!

– Obrigada pelo carinho, Marina – respondeu Anna Júlia.

Por fim, chegou o reverendo Orozimbo Teixeira, líder da Igreja Presbiteriana, chamado por Miguel e Marco Antônio para apresentar Anna Beatriz ao Senhor.

Ele orou:

– Pai amado, como ministro da Tua palavra, estou aqui para apresentar a pequena Anna Beatriz, que está prestes a partir para Teus

braços. A Tua palavra nos diz que dos pequeninos é o Reino dos Céus. Dá forças aos Teus filhos para suportar a dor da partida desta bebê. É o que Te peço, Senhor, em nome de Jesus, amém.

Anna Júlia e Marco Antônio, acompanhados de Marina divertiram-se por horas com sua pequena. Ouviam sua boquinha estalar, fizeram carinho em sua perninha e ela respondia com um sorrisinho. Eles viveram a experiência de terem um filho de forma mais intensa do que todos os pais que tiveram filhos saudáveis.

De repente, a bebê começou a perder a respiração e ficou roxinha. Anna Júlia pressentia que a hora da partida estava próximo:

- Ó Jesus, tem misericórdia de mim, me deixa ficar com Anna Beatriz por mais algumas horas. Me dá forças pra suportar a dor da partida, Senhor.

- Meu Deus, ouve a súplica da Tua Filha, deixa ela viver mais um pouquinho, meu Pai – clamou Marco Antônio.

Às 15h30min do dia 12 de abril de 2012, Anna Beatriz partiu para o Senhor, nos braços de Anna Júlia. Ela estava triste, porém feliz, por ter optado pela vida e ter vivido vinte e quatro horas ao lado de sua filha. Marco Antônio, quando soube da morte da filha, chorou copiosamente no colo de Darlene, que estava

recebendo alta.

Em comum acordo, as famílias de Marco Antônio e Anna Júlia optaram por não fazer o velório de Anna Beatriz e fizeram a cremação, no dia seguinte, às 10 horas, no Crematório São Miguel. Quando o caixãozinho foi para o forno, Anna Júlia disse:

- Anna Beatriz tá nos braços do Pai. A Sua vontade foi feita. Enquanto ela viveu, eu a amei até o último momento. Eu sou uma mãe muito feliz, por ter vivido a maternidade e por ela, ter me tornado mais madura.

- Eu também amadureci muito com essa experiência. Passei a ter outra visão de mundo, a amar mais o próximo. Agora, Anna Beatriz é um anjinho no céu – disse Marco Antônio, abraçando Anna Júlia.

O casal de namorados se beijou.

SOBRE O AUTOR

Maxwell dos Santos nasceu em Vitória/ES em 1986 e mora na referida cidade, no Bairro da Penha. É jornalista (MTE/ES 2605), escritor e roteirista audiovisual. Em 2012, publicou seu primeiro livro impresso, *As 24 horas de Anna Beatriz*. Em 2013, publicou os e-books *Ilha Noiada* e *Melanie – uma história de amor e superação* e em 2014, publicou os e-books *Amyltão Escancarado* e *Comensais do Caos,* lançado posteriormente em livro físico em janeiro de 2015. Em 2015, lançou o e-book e livro *#cybervendetta*.

AS 24 HORAS DE ANNA BEATRIZ

Um romance polêmico, mas que exalta a valorização da vida e da maternidade.

Anna Júlia, uma doce e sonhadora adolescente que conhece Marco Antônio num churrasco de aniversário. Eles se apaixonam à primeira vista e têm a primeira vez.

Por conseguinte, ela fica grávida e meses depois, descobre que o bebê tem uma anomalia incompatível com a vida.

O objetivo do livro é mostrar a grandeza do amor materno, mesmo quando a criança é deficiente e tem um prognóstico de morte e mostrar como uma situação adversa pode amadurecer as pessoas.